

abpi.empauta.com

Associação Brasileira da Propriedade Intelectual
Clipping da imprensa

Brasília, 29 de maio de 2019 às 07h30
Seleção de Notícias

O Estado de S. Paulo | BR

Pirataria | Biopirataria

Edição genética pode revolucionar a agricultura	3
---	---

AGRONEGÓCIOS

Terra - Notícias | BR

28 de maio de 2019 | Propriedade Intelectual

Velodyne vence contestação de patente	4
---	---

DINO

Migalhas | BR

28 de maio de 2019 | Propriedade Intelectual

Marcas: o que muda com a adesão do Brasil ao Protocolo de Madrid	6
--	---

Pequenas Empresas Grandes Negócios Online | BR

Marco regulatório | Anvisa

FAPESP anuncia 51 novos projetos de pesquisa para inovação em empresas	7
--	---

AGÊNCIA FAPESP

EDIÇÃO GENÉTICA PODE REVOLUCIONAR A AGRICULTURA

CRISPR é o nome da técnica que permite editar genes das plantas, melhorando a produtividade e a qualidade dos alimentos

Genoma é o código genético que carrega todas as informações de um ser vivo, incluindo as plantas. Nele há características desejadas e indesejadas. O sonho de todo cientista era poder silenciar as especificidades não benéficas, como os genes que deixam a planta mais vulnerável a uma determinada doença. No entanto, as técnicas de edição genética existentes até 2011 eram muito caras e demoradas.

Naquele ano, pesquisadores norte-americanos, observando como as bactérias se defendiam de vírus, descobriram a Clustered Regularly Interspaced Short Palindromic Repeats (CRISPR), uma ferramenta de edição genética que permite desligar genes com atributos ruins. "A técnica de edição genética CRISPR consiste na criação de uma planta melhorada e sem a inclusão do DNA de uma espécie diferente, permitindo o cultivo de plantas ainda mais nutritivas e com maior agilidade e eficiência", explica Sandra Milach, líder de Pesquisa, nos Estados Unidos, da Corteva.

Para a pesquisadora, a ferramenta chegou no momento certo. "Plantas estão sob ataque devido a mudanças climáticas, secas, inundações, ondas de calor, doenças e pragas. Ao mesmo tempo, nossa população está crescendo, e os consumidores estão exigindo alimentos cada vez mais saudáveis para



suas famílias e para o planeta", diz. Segundo Milach, a técnica vai ajudar a indústria no desafio atual de produzir mais comida, para alimentar uma população mundial em crescimento, com menos recursos. "Com ela [CRISPR], poderemos investir em culturas que sejam resistentes às pragas e às doenças, que tenham maior produtividade e que sejam capazes de resistir a condições climáticas extremas (seca), necessitando de menos insumos (água ou fertilizantes)", explica.

ACORDO PARA NOVAS PESQUISAS

Neste contexto, no último dia 24 de abril, a Corteva assinou um Termo de Compromisso com a Embrapa para desenvolver pesquisas com CRISPR. O

Acima, o presidente da Corteva, Roberto Hun. Ao lado, Sebastião Barbosa, presidente da Embrapa, e Roberto Hun durante a assinatura da parceria



"OS CONSUMIDORES ESTÃO EXIGINDO ALIMENTOS CADA VEZ MAIS SAUDÁVEIS PARA SUAS FAMÍLIAS E PARA O PLANETA"

Sandra Milach, líder de Pesquisa, nos Estados Unidos, da Corteva

acordo prevê a utilização da técnica para desenvolver sementes de soja tolerantes ao estresse hídrico e resistentes a nematoides. De acordo com Alexandre Nepomuceno, pesquisador da Embrapa Soja, "a técnica CRISPR é simplesmente um corte de DNA com precisão, que permite o desenvolvimento de variabilidade genética semelhante ao que poderia ser obtido pelo melhoramento clássico ou outros processos da natureza".

Por essa característica, os produtos oriundos desse processo têm sido considerados convencionais pela Comissão

Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio). Recentemente, ela aprovou dois materiais obtidos por meio de CRISPRs: uma levedura para produção de álcool e um milho com baixo teor de amilose, muito útil para a produção de papel.

A parceria entre Corteva e Embrapa também engloba pesquisas na área de agricultura digital, termo que designa a análise de dados gerados por softwares, sensores, drones, satélites, que permitem ao agricultor tomar uma melhor decisão sobre como proceder na sua lavoura.

Velodyne vence contestação de patente

DINO

A Comissão de julgamento e apelação de patentes sustenta a validade da Patente 7.969.558 da Velodyne. A Velodyne venceu uma contestação de patente reclamada por seu concorrente Quanergy. Ao apresentar sua decisão em 23 de maio de 2019, a Comissão de julgamento e apelação de patentes dos EUA sustentou a patenteabilidade de todas as reivindicações da pioneira patente '558 da Velodyne. A patente '558 refere-se a um sistema de medição de nuvem de pontos em 3D com base em lidar usado em veículos autônomos, ADAS, visão robótica e diversas outras aplicações.

Este comunicado de imprensa inclui multimídia. Veja o comunicado completo aqui: <https://www.businesswire.com/news/home/20190528005828/pt/>

Velodyne Lidar's Alpha Puck, Ultra Puck, and Puck.
(Photo: Business Wire)

"A Velodyne Lidar Inc. é a inventora do lidar de visão circundante e estávamos confiantes de que nossa patente seria mantida", disse Marta Hall, presidente da Velodyne Lidar, Inc. "A decisão não foi uma surpresa porque o lidar de visão circundante em tempo real foi inventada por nosso fundador, David Hall, e a empresa detém várias patentes fundacionais relativas a essa tecnologia. Somos uma empresa de invenções e sempre estaremos inventando e inovando tecnologias, de forma que levamos a proteção de nossa **propriedade** intelectual, conquistada com muito trabalho, a sério. Em resposta à decisão, vamos avaliar nossas opções de fiscalização para seguir em frente".

A Velodyne é a fornecedora do maior volume de sensores lidar no setor automotivo, com mais de 250 clientes globalmente. Os sensores lidar são um componente central dos veículos autônomos (AVs, autonomous vehicles) e dos sistemas avançados de assistência ao motorista (ADAS, advanced driver assistance systems). Inicialmente apresentada como

uma solução para AVs, o mercado lidar está crescendo rapidamente para Sistemas de assistência avançada ao motorista, que pode vir a reduzir acidentes causados por colisões frontais e fatalidades com ciclistas e pedestres. A visão lidar 3D é reconhecida cada vez mais como um sensor importante para detectar perigos na estrada e promover a segurança pública.

A tecnologia oferece visão 3D, colocando "olhos" em robôs e máquinas para usos que vão além das aplicações automotivas. Os sensores da Velodyne são atualmente vendidos e usados em uma ampla gama de novas tecnologias e setores em rápido crescimento, inclusive veículos aéreos não tripulados, serviços de entregas, mapeamento, robôs industriais, segurança industrial, segurança em geral, agricultura de precisão, jogos e usos marítimos.

Sobre a Velodyne Lidar

A Velodyne oferece as soluções lidar mais inteligentes e poderosas para autonomia e assistência ao condutor. Fundada em 1983 e sediada em San José, Califórnia, a Velodyne é conhecida em todo o mundo por seu portfólio de revolucionárias tecnologias de sensores lidar. Em 2005, David Hall, fundador e diretor executivo da Velodyne, inventou sistemas lidar com visão circundante em tempo real, revolucionando a percepção e a autonomia nas áreas automotiva, de nova mobilidade, mapeamento, robótica e segurança. A linha de produtos de alto desempenho da Velodyne inclui uma grande variedade de soluções de sensores, como o econômico Puck®, o versátil Ultra Puck®, o Alpha Puck®, perfeito para autonomia L4-L5, o Velarray®, otimizado para ADAS, e o Vella®, pioneiro software para assistência ao condutor.

O texto no idioma original deste anúncio é a versão oficial autorizada. As traduções são fornecidas apenas como uma facilidade e devem se referir ao texto

Continuação: Velodyne vence contestação de patente

no idioma original, que é a única versão do texto que tem efeito legal.

Ver a versão original em businesswire.com: [https://w](https://www.businesswire.com/news/home/20190528005828/pt/)

www.businesswire.com/news/home/20190528005828/pt/

Contato:

Contatos com a mídia:

Craig MacLellan

Landis Communications Inc.

(415) 359-2306

velodyne@landispr.com

Marcas: o que muda com a adesão do Brasil ao Protocolo de Madrid

Na última quarta-feira (22), o Plenário do Senado aprovou, por meio do projeto de decreto legislativo 98/19, os textos relativos ao Protocolo de Madrid, que trata do registro internacional de marcas, agora pendente apenas de promulgação.

O principal impacto da adesão do Brasil ao Protocolo de Madrid consiste na simplificação do processo de registro de marcas, no que concerne à sua proteção internacional. Isto porque, atualmente, o depósito de um pedido de registro de marca no Brasil não assegura sua proteção em demais países; ou seja, caso haja interesse na sua utilização em âmbito internacional (para fins de exportação de produtos, por exemplo), o titular deverá repetir o pedido em cada um dos países de seu interesse.

O Protocolo de Madrid, por sua vez, viabiliza o depósito de um pedido único junto à **Organização Mundial da Propriedade Intelectual** ("OMPI"), que providenciará o encaminhamento aos escritórios dos países designados pelo titular, entre os signatários do Protocolo, para exame do pedido com base em sua legislação nacional e posterior registro e proteção.

Até então, a título exemplificativo, as empresas brasileiras que tinham interesse em expandir suas operações a outros países enfrentavam não apenas a burocracia e os custos relativos ao registro das marcas em cada um deles, mas, ainda, o risco de concorrentes ou terceiros, cientes do plano de expansão, depositarem pedidos de registro em tais países apenas para assegurar a prioridade de seu pedido e, conseqüentemente, inviabilizar a operação do concorrente ou, em caso de terceiros, para negociar valores pela transferência da titularidade ou desistência do pedido.

Dessa forma, o emprego do Protocolo de Madrid garante a prioridade do pedido, simplifica os procedimentos e reduz os custos para tanto, reduzindo os empecilhos à expansão internacional das empresas sediadas nos países signatários.

Entretanto, para além dos aspectos destacados acima, é importante notar que a adesão ao Protocolo de Madrid demanda, também, ajustes dos procedimentos e da legislação brasileira sobre propriedade intelectual (conforme proposto por meio do PL 10920/18, por exemplo) que ainda não ocorreram. Desse modo, há que se considerar que a aplicação prática do Protocolo de Madrid, antes da adoção das supramencionadas medidas, pode gerar assimetrias entre pedidos nacionais e estrangeiros (como destacado também na Justificação do referido PL 10920/18), além de outros impactos que podem comprometer a segurança jurídica no que concerne ao tema.

Assim, de plano, é possível constatar que a adesão ao Protocolo de Madrid é um importante passo no estímulo à expansão internacional de agentes internos, inclusive para exportação de produtos e ampliação de sua atuação, com a simplificação dos procedimentos para registro de marca em demais países e redução dos custos para tanto. Observemos, então, os efeitos práticos da medida e o andamento dos demais ajustes necessários à sua adequada aplicação!

***Chiara Battaglia Tonin** é advogada atuante na área consultiva.

Chiara Battaglia Toni

FAPESP anuncia 51 novos projetos de pesquisa para inovação em empresas



As propostas podem ser desenvolvidas em duas etapas e têm recursos de até R\$ 1,2 milhão

Com o objetivo de reduzir o uso de antibióticos na criação de frangos e suínos, a Biosmart Nanotechnology, startup de Araraquara (SP), busca estratégias para tornar a bactérias do gênero *Salmonella* menos virulentas. Para isso, pretende investigar como são reguladas vias de sinalização celular importantes para esses microrganismos.

"A resistência a antibióticos, problema mundial que coloca em risco a população humana, está muito ligada ao uso excessivo dessas drogas na produção de frangos e suínos. Buscamos, portanto, outro mecanismo para livrar esses animais da contaminação", disse Vânia Santos Braz, pesquisadora responsável pelo projeto.

Já a empresa de consultoria Comunitaria, sediada na capital paulista, está desenvolvendo uma plataforma para auxiliar no gerenciamento e na avaliação de impacto de projetos sociais. A iniciativa é coordenada pela economista Adriana Ielo Derobia.

Os dois projetos estão entre os 44 selecionados para o 4º Ciclo de 2018 do Programa Pesquisa Inovativa em Pequenas Empresas (PIPE). O anúncio foi feito na sede da FAPESP, no dia 21 de maio. Foram também anunciados, na mesma ocasião, outros sete projetos aprovados: cinco pelo Programa PIPE/PAPPE, no

abpi.empauta.com

âmbito da parceria da FAPESP com a Financiadora de Estudos e Projetos (**Finep**), e outros dois aprovados na chamada PIPE-PitchGov de 2017, totalizando 51 novos projetos de inovação apoiados.

"Todas as chamadas integram o Programa PIPE-FAPESP. No ano passado, foram 250 projetos aprovados nessa modalidade, o que dá mais ou menos um contrato firmado a cada dia útil do ano para desenvolver produtos e serviços inovadores", disse Carlos Henrique de Brito Cruz, diretor científico da FAPESP.

O PIPE apoia a execução de pesquisa científica e/ou tecnológica em pequenas empresas, com até 250 empregados, sediadas no Estado de São Paulo. Os projetos devem ser desenvolvidos por pesquisadores que mantêm vínculo empregatício com a empresa ou a ela associados para a pesquisa.

As propostas podem ser desenvolvidas em duas etapas. A Fase 1, de demonstração da viabilidade tecnológica do produto ou processo, tem duração máxima de nove meses e recursos de até R\$ 200 mil. A Fase 2, de desenvolvimento do produto ou processo inovador, tem duração máxima de 24 meses e recursos de até R\$ 1 milhão.

"As empresas inovadoras são uma parte importante da pesquisa em São Paulo. Temos 69 mil pesquisadores no Estado. Desses, 39 mil trabalham em empresas. É uma quantidade apreciável", disse Brito Cruz.

Diagnóstico de retina

Os projetos selecionados nas chamadas FAPESP-**Finep** - PAPE/PIPE Subvenção serão apoiados por meio da concessão de recursos de subvenção econômica à pesquisa para inovação (recursos não reembolsáveis).

Continuação: FAPESP anuncia 51 novos projetos de pesquisa para inovação em empresas

Esse é o caso da Phelcom Technologies, que trabalha atualmente no desenvolvimento industrial e comercial de equipamento portátil, controlado por smartphone, para o diagnóstico da retina.

"A empresa está em uma fase interessante, pois 50 dias depois de a **Agência** Nacional de Vigilância Sanitária [**Anvisa**] autorizar a comercialização do nosso produto já recebemos 52 encomendas", disse Flávio Pascoal Vieira. Há três anos, a empresa foi aprovada na fase 2 do PIPE.

O produto agora comercializado consiste em um hardware com lentes e prismas que, ao ser acoplado a smartphone, funciona como um instrumento para o oftalmologista ou uma ferramenta para triagem remota.

"Pretendemos proporcionar, por meio do nosso equipamento, a interação entre endocrinologistas e of-

talmologistas para a avaliação de imagens de fundo de olho de pacientes com diabetes", disse.

O PIPE apoia microempresas e empresas de pequeno porte do Estado de São Paulo no desenvolvimento de pesquisa tecnológica em ambiente empresarial, sem contrapartida.

"Há um número grande de empresas que, apoiadas pelo PIPE, alcançaram seus objetivos, ampliando faturamento e o número de empregados. É um programa bem-sucedido, pois resulta em benefícios para a sociedade. Além disso, é uma estratégia da FAPESP para cumprir sua missão de promover o desenvolvimento tecnológico e a inovação no Estado de São Paulo", disse Marco Antonio Zago, presidente da Fundação.

Índice remissivo de assuntos

Pirataria | Biopirataria
3

Propriedade Intelectual
4, 6

Entidades
6, 7

Marco regulatório | Anvisa
7